

O que tem a Filosofia que o Português ou a Matemática não tenham?

Foi no exame de Filosofia que se registou a maior diferença de resultados entre estudantes de meios favorecidos e mais carenciados

Educação
Clara Viana e Samuel Silva

Se não há pensamento fora da linguagem, nem linguagem sem pensamento, então em que pensa um bebé? A pergunta é uma das muitas que animam mais uma aula de Filosofia da turma 11.º L da escola secundária Camões, em Lisboa.

Durante cerca de 90 minutos, a partir de um texto do filósofo alemão Nicolai Hartmann, os 22 alunos presentes (faltaram três) são desafiados pelo seu professor, Rui Meireles, a descodificar a “estrutura do acto de conhecer”. O que é o conhecimento? O que quer dizer transcendente? E imanente? As questões são lançadas pelo professor à medida que o texto de Hartmann vai sendo lido, em voz alta, pelos alunos, que por sua vez vão colocando mais perguntas e sugerindo algumas conclusões.

É uma das características de marca desta turma, de curso de Humanidades, na qual a média de idades anda pelos 16 anos. “Querem sempre participar, promover o debate, emocionam-se”, resume Rui Meireles, 54 anos, dos quais 27 como professor. Antes de se fixar, há 11 anos, no Camões, um dos mais antigos liceus da capital, passou por várias outras escolas da região de Lisboa. Apesar de ter constatado já há muito que a *performance* dos alunos é “muito marcada” pela sua origem sócio-económica, Rui Meireles não deixa de se surpreender com o facto de ser precisamente a Filosofia que existe uma maior diferença de resultados entre estudantes de meios favorecidos e mais carenciados.

Quase dois valores de diferença, na verdade, entre as médias de exame que se esperava que uns e outros obtivessem no exame de Filosofia do 11.º ano realizado no ano passado. Esta é uma das conclusões a que chegou a equipa da Universidade Católica Portuguesa que tem colaborado com o PÚBLICO nos rankings das escolas, elaborados com base nas médias dos oito exames mais concorridos. Em 2014, com 7918 provas realizadas, o exame de Filosofia passou a inte-

grar este grupo, ocupando o lugar que antes pertencia à Geometria Descritiva.

A equipa da Católica, liderada pelo ex-secretário de Estado da Educação Joaquim Azevedo, dividiu as escolas em três contextos com base nos dados sócio-económicos dos alunos fornecidos pelos Ministério da Educação e Ciência, sendo o 1 o mais carenciado e o 3 o mais favorável. Com base nas médias dos exames e nos dados de contexto, também calculou o resultado médio obtido pelas escolas do mesmo meio a cada uma das oito disciplinas mais concorridas.

Este exercício, iniciado em 2012, permitiu concluir que é a Português que a diferença entre médias tem sido menor (0,24 pontos) e que não são nas disciplinas com exames tidos como mais difíceis (caso da Matemática A ou de Física e Química) que estas se acentuam. Nos dois primeiros anos foi Geometria Descritiva que teve as maiores diferenças (2,3 valores entre as médias das escolas do contexto 3 e as do contexto 1). Como esta disciplina desapareceu do lote dos oito exames mais concorridos, em 2014 a maior diferença encontrada entre médias (1,89 pontos) registou-se a Filosofia.

Pedro Galvão, dirigente da Sociedade Portuguesa de Filosofia, considera “precipitado avançar com uma tentativa de explicação” deste facto. “Talvez essa diferença seja acidental. Caso se mantenha nos próximos anos, valerá a pena explicá-la”, disse em resposta por escrito ao PÚBLICO.

No Camões, uma escola do contexto 3, o mais favorecido, 22,4% dos alunos são beneficiários da Acção Social Escolar e os seus pais têm cerca de 12 anos de escolaridade.

Na secundária de Penafiel a percentagem de alunos com acção social quase duplica para os 40% e os pais, em média, não têm mais do que sete anos passados na escola.

Na turma 11.º G, do curso de Ciências e Tecnologias, em Penafiel, a aula é de introdução às teorias sobre a origem do conhecimento. “Que tipo de conhecimento é o xadrez?”, pergunta Luís. No quadro



Nas aulas avalia-se a participação, os trabalhos, as discussões. No exame não, e os alunos têm dificuldades de interpretação e de escrita, alerta uma professora

estão escritos dois tipos: saber fazer e por contacto. “Não é saber por contacto, porque qualquer pessoa pode pegar nas peças e não quer dizer que saiba jogar”, continua. “Estou a ver que já estás a perceber aonde vamos chegar”, responde a professora Manuela Lopes, que é aqui docente há mais de 20 anos.

Esta matéria é uma daquelas em que habitualmente os seus alunos revelam maiores dificuldades. Ouvilos a participar logo nas primeiras aulas é motivo de satisfação. Mas há outros obstáculos comuns ao bom desempenho a Filosofia: “Têm dificuldades de interpretação e de racio-

cínio lógico”. E na escrita. É isso que é avaliado nos exames, sobretudo. “Nas aulas avaliamos outras coisas, como a participação, os trabalhos, as discussões que temos. No exame não há nada disso”, lembra.

Prestígio e necessidades

Rolando Almeida, professor na Escola Secundária Jaime Moniz, do Funchal, e autor do blogue *A Filosofia no Ensino Secundário*, mostra-se surpreendido com o “desfasamento” entre os resultados à “sua” disciplina e os de Português e de Matemática. “Creio que a explicação para tal reside no prestígio social que

9,7

foi a nota média dos exames nacionais de Filosofia do 11.º ano do ano passado, quando a disciplina entrou para o grupo dos exames mais concorridos

1,89

valores é a diferença entre as médias das escolas de meios mais e menos favorecidos. É a Filosofia que as desigualdades sociais mais se evidenciam

MARIA JOÃO GALA



Muitos alunos inscrevem-se no exame de Filosofia só para “fugir” das provas de Física ou Biologia, que acham mais difíceis

o Português ou a Matemática têm e que a Filosofia não tem. Mesmo nos meios mais desfavorecidos, a ideia de que o Português e a Matemática são fundamentais e necessários é amplamente aceite”, indica.

Rolando Almeida lembra também que “a Filosofia é uma disciplina que aparece pela primeira vez no ensino secundário exigindo alguns pré-requisitos como competências para os quais alunos provenientes de meios mais favorecidos podem, à partida, apresentar vantagens”.

Sérgio Almeida, coordenador do departamento de Ciências Sociais e Humanas da Escola Secundária

de Penafiel, aponta no mesmo sentido: “Se calhar, o contexto sócio-económico até é mais determinante na disciplina de Filosofia do que nas outras. Os alunos dos contextos mais favorecidos têm outras oportunidades de contacto com leitura, com cinema, com espectáculos, que muitos dos nossos alunos talvez não tenham”.

Muitos alunos inscrevem-se no exame de Filosofia, na expectativa de terem uma boa nota, sem que depois tenham o correspondente resultado na prova nacional. A professora Manuela Lopes acredita que são estes alunos que se inscrevem no exame para “fugir” das provas de Física ou Biologia que acabam por fazer baixar os resultados. “Não investem na disciplina”, queixa-se.

Apesar de estar entre estes alunos, Ana Mendes, 11.º ano, sente-se à vontade com as teorias sobre a origem do conhecimento, bem como com as ideias de Descartes sobre Deus, as matérias mais recentes. Acredita que terá melhores oportunidades na prova de Filosofia do que na de Biologia, disciplina a que não obteve positiva na avaliação contínua. “Se fizer este exame acho que posso tirar melhor nota”, justifica.

Para que vos vai servir a Filosofia? “É uma boa ferramenta para tirar véus da cabeça, para ver as coisas de outra forma e desenvolver a liberdade de pensamento”, responde Marta, da turma do Camões, à pergunta lançada pelo PÚBLICO no final da aula. “É muito difícil encontrar uma turma como esta. São alunos com uma vontade enorme de aprender”, constata Rui Meireles, que destaca também o papel desempenhado pela escola. “Não nos limitamos a ser um centro de preparação para exames. Aqui há sempre coisas a acontecer”.

No ano passado 81 alunos da secundária de Penafiel fizeram o exame de Filosofia. A média foi de 8,3 valores contra um resultado nacional de 9,7. No Camões os 34 alunos que fizeram esta prova tiveram uma média de 10,8.

Estão agora no 12.º ano. Como Filosofia deixou de ser obrigatória neste ano de escolaridade (ver texto nestas páginas) não houve estudantes em número suficiente para abrir uma turma, mas cerca de uma dezena dos antigos alunos de Rui Meireles propôs que lhes continuasse a dar aulas fora do horário. Passaram a encontrar-se às segundas-feiras para falar de filosofia.

Uma disciplina que esteve em risco de extinção no secundário

Clara Viana

Em 2012, quando o exame nacional de Filosofia foi reintroduzido no final do 11.º ano, depois de uma supressão de quatro anos, a média ficou-se pelos 7,8 valores (numa escala de 0 a 20). Em 2014 subiu para 9,7 valores.

A disciplina de Filosofia, que integra a componente geral do currículo do ensino secundário, é obrigatória para todos os alunos dos 10.º e 11.º anos, mas a realização do exame é opcional.

Os alunos do secundário realizam obrigatoriamente quatro exames, dois no 11.º ano e dois no 12.º ano. No 11.º ano podem optar por realizar o exame de Filosofia, em vez da prova de uma das duas disciplinas bienais da componente específica (por exemplo, em vez das disciplinas de Biologia e Geologia ou de Física e Química A).

No 12.º ano a disciplina de Filosofia passou a ser opcional há já mais de uma década, o que levou à sua quase extinção. O exame neste ano de escolaridade, que em tempos chegou a ser obrigatório para todos os alunos de Humanidades, foi eliminado, tendo por isso também desaparecido do leque das provas de ingresso pedidas pelas faculdades.

O exame chegou a ser pedido como prova de ingresso em cerca de 300 cursos universitários, lembra Rolando Almeida, professor e autor do blogue *A Filosofia no Ensino Secundário*. Com a sua reintrodução no 11.º ano, voltou a partir do ano passado a figurar na lista das provas de ingresso de cerca de uma centena de cursos superiores.

Este vai-e-vem tem tido “um impacto muito negativo na forma como a disciplina de Filosofia é encarada tanto pelos alunos, como pelos pais ou professores”, comenta aquele docente, que considera também ser necessário introduzir “algumas reformas” no programa da disciplina, que data de 2001. “Não existe no programa um único conteúdo preciso, mas apenas temas a explorar”, o que também dificulta



Programa da disciplina de Filosofia do 11.º ano de 2001

a sua articulação com um e exame nacional, aponta.

Evitar prova previsível

Pedro Galvão, dirigente da Sociedade Portuguesa de Filosofia (SPF), corrobora a tese: “No plano dos conteúdos, o programa actual acaba por ser tão vago que seria absolutamente impossível conceber um exame nacional com qualidade apenas a partir dele”. Por isso, acrescenta, com a reintrodução do exame no 11.º ano, o programa “teve de ser complementado com um documento de Orientações, que define melhor os problemas, as teorias e os autores que os alunos têm e estudar”, o que tem resultado num “ensino com mais qualidade”.

Galvão considera que “o facto de existir um exame incentiva todos, professores e alunos, a trabalhar de uma forma mais rigorosa”, mas alerta para “o perigo de transformar as aulas de Filosofia num simples treino par o exame”, como já acontece noutras disciplinas. Para que tal não aconteça, defende, “é preciso que o exame não se torne repetitivo e, portanto, demasiado previsível e também que, cada vez mais, dê relevo a questões que ponham os alunos a pensar com autonomia e sentido crítico”.